

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6483 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

**RE-EXISTÊNCIA DA SENSIBILIDADE: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Andrea Penteado - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Cilene Nascimento Canda - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

## **RE-EXISTÊNCIA DA SENSIBILIDADE: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

### **1 INTRODUÇÃO**

Apresentamos os resultados de uma pesquisa participativa (DEMO, 2004), aplicada nos anos de 2018 e 2019 em uma universidade pública que teve por objetivo investigar o alcance de experiências estéticas na formação de professores.

Ao longo de dois semestres, abrangendo, em cada um, quatro turmas de componentes curriculares de didática e uma turma de arte-educação, propusemos aos estudantes de diferentes licenciaturas que apresentassem sínteses dos conhecimentos elaborados em seus cursos na forma de objetos estéticos em suportes variados, de acordo com suas escolhas pessoais, ou em grupos, dispondo de diferentes matérias: o som, a visualidade, o tato, o corpo performático, entre outras propostas nas quais se sentissem à vontade. Tomamos por premissa que a produção de conhecimentos e formação de professores requer compreender e valorizar espaços/tempos de experiência de sensibilidade e de formas diversificadas de partilhar os saberes construídos nos caminhos percorridos.

Utilizamos como base teórica no que tange aos conceitos de experiência estética, estesia, sensibilidade e partilha do sensível Dewey (2010), Durand (1988), Duarte Jr (1981) e Rancière (2005). Na abordagem dos conceitos de cultura, cultura artística e cotidiano apoiamos-nos em Geertz (1997) e Certeau (1994). Já na discussão do campo didático e de sua interlocução com a escola e cultura, dialogamos com Candau (2013), Lopes e Macedo (2011), Gimeno Sacristán (2001) e Charlot (2001).

Para proceder às análises consideramos: 1) as sínteses produzidas pelos estudantes – ou seja, seus trabalhos finais -; 2) os relatos de experiência narrados e escritos pelos estudantes e 3) a análise do impacto da exposição pública montada com os trabalhos realizados. Além disso, apenas para ampliar o colorido de nosso texto neste trabalho, citamos

alguns registros deixados no Caderno de Exposição disponibilizado durante a mesma.

As categorias contempladas em nossas análises voltaram-se preferencialmente para a compreensão da importância da formação estética, sensível e cultural do docente, entretanto, dada a subjetividade do objeto de estudo e do modelo metodológico adotado outras categorias, reincidentes nos trabalhos e relatos, foram consideradas.

Além disso, ultrapassando o planejamento da pesquisa, em face à realidade pandêmica que nos cerca, disponibilizamos aos estudantes um formulário *on-line* para que registrassem suas percepções acerca da influência daquela formação sensível nessa época de exceção mundial, buscando conhecer que sentido dão, hoje, à experiência vivida na ocasião em que cursaram os componentes curriculares em que realizamos essa investigação.

## 2 DESENVOLVIMENTO

*No atual cenário é necessário "re-pensar-se" em todos os âmbitos e na educação não é diferente. A sensibilidade, não apenas entre professores, é esperada por todos que se dizem "seres humanos".*

*(Depoimento de estudante no atual cenário de pandemia)*

### 2.2 JUSTIFICATIVA

A Educação, como um todo, é constantemente questionada, avaliada, criticada e induzida a estabelecer uma política adequada aos novos imperativos econômicos e sociais que devem, entretanto, ser observados respeitando a subjetividade do próprio campo e a pluralidade das respostas possíveis, afinadas às próprias pluralidades das culturas a que se destinam.

Isso implica que a prática docente mergulhe em dimensões culturais que sobrepassem a rigidez da racionalidade teórica e se enriqueça com modos cognitivos de ser-fazer-saber que se dão pela significação, pela arte, pela sensibilidade, pela estesia dos corpos, produzindo um estado de conhecimento cuja fonte beba dos saberes produzidos em contextos plurais, concretos e que emergem na cultura. Assim, mais do que ao longo de toda a segunda metade do século XX aos dias atuais, as reflexões sobre educação questionam saberes universalistas e a legitimação exclusiva de conhecimentos cuja batuta é cativa da cientificidade acadêmica.

Um novo diálogo entre os modos de educar e o arranjo social contemporâneo deve ser instaurado sob pena de estarmos formando profissionais aptos para interagir em uma sociedade cujos vestígios de existência, cada vez mais, desaparecem, ao mesmo tempo em que negam as pluralidades subjetivas e o compartilhamento do poder-saber.

E aqui, ao referirmo-nos à noção de subjetividade em sua polissemia, que atravessa diferentes campos pelos quais pode ser acessada, focaremos seu encontro através da permissão e valorização das experiências sensíveis e da arte como fontes de produção de saberes, em contrapartida às dimensões restritas à racionalidade intelectual.

Consideramos que em dias nos quais retrocedemos à crença em uma formação docente para a excelência, pautada em competência e meritocracia – a despeito de ser a própria noção esvaziada de qualquer conteúdo objetivo (READINGS, 2002) -, a formação sensível dos professores beneficia-se de estudos que busquem compreender o cotidiano social

e a potência constitutiva dos fazeres na afirmação das identidades docentes (CERTEAU, 1994) e a partilha da sensibilidade como ato político de resistência às práticas de dominação e sujeição impostas por grupos específicos de poder (RANCIÈRE, 2005). A experiência sensível e estética, na qual estão mergulhados os valores, crenças, paixões e intuições humanos, que não é mediada pela linguagem e pela racionalidade, mas construída através de expressões que têm o corpo, os sentidos e o mundo como matéria de significação, pode dar conta de dimensões culturais que não têm sentido unívoco, que exigem sua polifonia e dão a ver, para os sujeitos, a própria existência/experiência da pluralidade.

Assim, ao compreendermos o espaço escolar e a produção de seu cotidiano como *locus* de produção cultural sensível, arriscamos investigar a contribuição do saber-fazer estético e artístico como saber pedagógico necessário ao saber-fazer docente.

### 2.3 APLICAÇÃO DA PESQUISA

O projeto teve por objetivo estimular a formação sensível de futuros professores, das diversas áreas, e acenar com possibilidades didáticas de elaboração e síntese do conhecimento através da criação artística. Para tanto, foi solicitado aos estudantes, no decorrer de seus cursos de didática e de arte-educação, que registrassem os assuntos e temas abordados e que, ao final do curso, elaborassem e apresentassem uma síntese dos conhecimentos construídos na forma de uma criação estética para compor uma exposição dessa elaboração sensível do saber. Foram envolvidas quatro turmas de didática por semestre e uma turma de arte-educação, ao longo dos semestres de 2018, num total de nove turmas sob a coordenação de três docentes. Este processo resultou na montagem de uma exposição em que foram apresentadas as produções estéticas destes estudantes, resultantes de seus aprendizados.

Em função de trabalharmos com nossas turmas em formação, optamos por uma pesquisa participativa (DEMO, 2004) na qual aceitar e assumir as subjetividades e a anulação da distância pesquisador/pesquisado/objeto é parte indissociável das construções realizadas e implica na transformação do lugar de saber dos próprios pesquisadores proponentes. Todos os estudantes envolvidos, conforme regras da ética em pesquisa, foram informados e convidados a participar do processo e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento. Os estudantes que não quiseram participar da pesquisa não tiveram prejuízo em relação à participação nos cursos e puderam optar por absterem-se de debates, exposição e outras dinâmicas investigadas. O levantamento de dados foi realizado através 1) da apresentação dos trabalhos estéticos realizados pelos estudantes, 2) do relato de cada estudante durante os debates na apresentação das obras; 3) do resultado da exposição, aberta à comunidade acadêmica, incluído o Caderno de Exposição, com registro dos visitantes e 4) do registro escrito por cada estudante acerca da experiência sensível vivida; sendo que, aqui, destacaremos um recorte da exposição e três registros de estudantes.

### 2.4 APORTE TEÓRICO

Em uma breve pincelada conceituaremos os principais autores e categorias com os quais trabalhamos sem a pretensão de aprofundarmo-nos, pela brevidade deste texto, mas na expectativa de iluminar os resultados e conclusões.

Abrimos com a noção de **experiência** e de **estética**, a partir de Dewey (2010, p. 127)

ao propor a síntese: “[...] estético refere-se [...] à experiência como apreciação, percepção e deleite”. Em relação à noção de **sensível**, resgatamos Duarte Jr (1981) ao colocar que é a “[...] apreensão do mundo ainda não mediatizada nem conceitualizada pela linguagem” para somá-la ao nosso próprio uso do termo, entendendo-o como: sentidos do corpo que englobam, além das manifestações do próprio sentimento, a epifania. Dadas essas noções, nos apoiamos em Ostrower quando analisa o **processo criativo** como processo formador de conhecimento:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse ‘novo’ de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 1978, pg 09)

Em relação ao termo **cultura**, adotamos o conceito amplo oferecido por Geertz (1997, p. 29) ao defini-la como “as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las”. A noção de **cotidiano** consideramos como lugar de construção de saberes únicos e específicos que se desenham nas práticas dos modos de fazer a vida como cozinhar, andar, ler, aprender... que não se rendem à uniformização categórica – ainda que rigorosa – do pensamento cientificista, conforme nos apresenta Certeau (1994). Assim, admitir as invenções do cotidiano equivale a legitimar os saberes constitutivos dos sujeitos realizados em seu dia-a-dia mais mundano e, ao mesmo tempo, emancipatório.

Estes termos vêm associados à perspectiva de Candau para uma **didática intercultural**, compreendendo a diferença como riqueza e vantagem pedagógica que pode promover nas universidades e escolas

(...) processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos - individuais e coletivos -, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça - social, econômica, cognitiva e cultural -, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença. (Candau, 2014, p. 1).

Por fim, como apontam os estudos de Lopes e Macedo (2011) e de Charlot (2001), aceitamos a perspectiva de que tanto a **didática** quanto as demais **práticas pedagógicas** se configuram como forja cultural e não como resultados forjados a partir uma cultura extrínseca e que, se compreendidas como tal, podem fornecer chaves de emancipação. Destacamos, ainda, a valorização de Charlot sobre **saber discente**. Tais sínteses conceituais entre os campos da cultura e da educação nos apontam um esteio significativo para pensarmos em processos de formação de professores com atenção na sensibilidade e nos percursos dos estudantes, acolhendo suas descobertas, partilhas e significações.

### 3 RESULTADOS DA PESQUISA: O QUE ENCONTRAMOS...

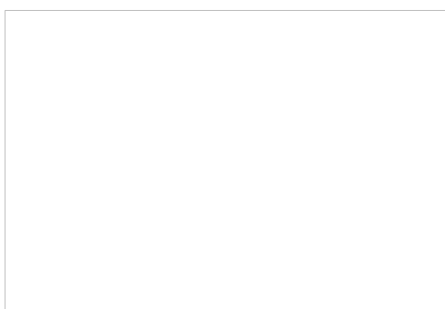
*Acho bastante rica a criatividade dos alunos sobre a educação. Daria para perceber uma crítica sutil ao modelo da educação monológica e a*

*proposta de uma educação performática, onde o pensamento coletivo se substitui ao pensamento individualista corporativista*

*(Kabengele Munanga, em Caderno de Exposição)*

Ao longo da pesquisa, foram apresentados centenas de trabalhos de estudantes em formação, por isso, a título de síntese, apresentaremos aqui algumas imagens da Exposição realizada e alguns depoimentos de estudantes, respeitado o curto espaço dessa explanação, e teceremos alguns comentários acerca dos sentidos produzidos na experiência da pesquisa. É fundamental ressaltar que não desejamos traduzir, legendar ou explicar os trabalhos apresentados uma vez que esta pesquisa objetiva evidenciar as formas estéticas como formas de conhecer válidas que não explicam, mas significam.

Figura 1 – Cenas da Exposição



Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2018)



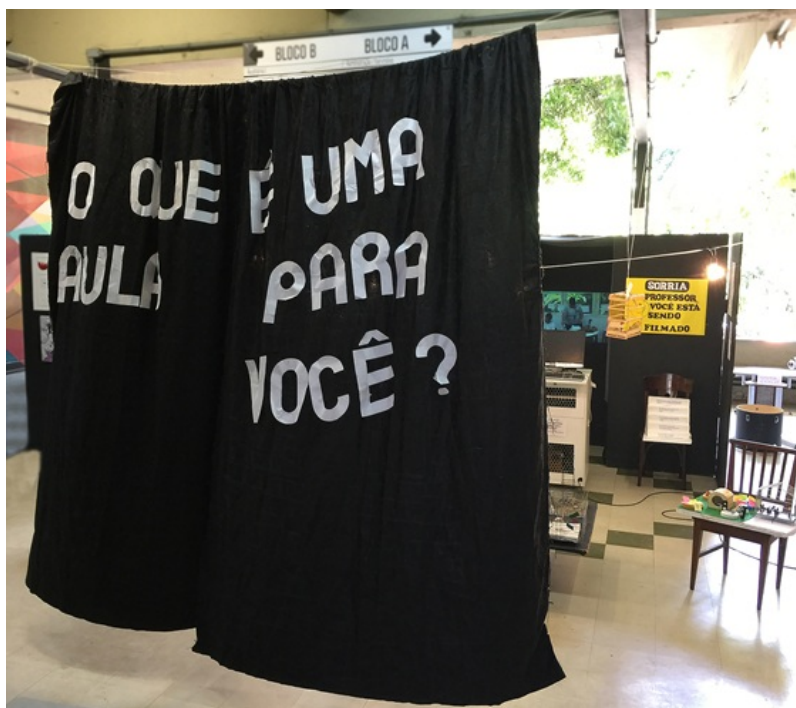
Figura 2 - Cenas da Exposição



Foente: Arquivo dos pesquisadores (2018)

Em relação à exposição, é possível observar nas figuras 1 e 2 o envolvimento da comunidade. É mister destacar que muitos dos trabalhos apresentados eram interativos, na forma de jogos, desafios ou, simplesmente, abrindo espaço para a interlocução ativa com o público. Identificamos diversas formas de apreensão dos interlocutores, desde o manuseio do material à atenção minuciosa aos detalhes e os registros deixados no Caderno de Exposição.

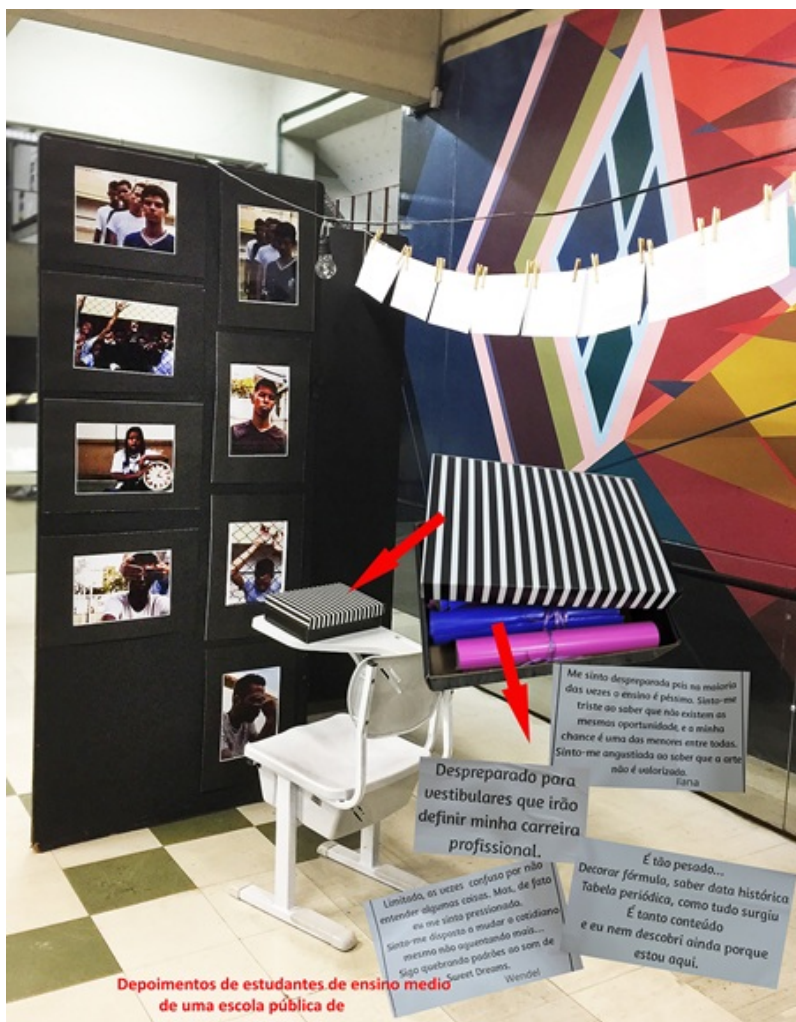
Figura 2 – O que é uma aula para você?



Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2018)

A cortina “O que é uma aula para você?” abria a ribalta para o espectador e garantia espaço sensível e favorável à firmação do cotidiano emancipador, preconizado por Certeau. Fazia parte da obra uma carteira universitária com um caderno aonde os visitantes podiam se sentar para responder à questão, registrando na história o saber-fazer pedagógico do cidadão comum, do passante cotidiano que, de repente, pausa, observa, dá sentido e registra impressões.

Figura 3 – O que é a escola para você?



Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2018)

Neste trabalho, um estudante, licenciando em filosofia, adentrou a escola em que estagiava e perguntou aos estudantes de ensino médio: “o que é a escola para você?”. A resposta veio na forma de fotografias que deflagram um cenário foucaultiano de controle e prisão. Ao sentar-se na carteira universitária, o espectador podia apreciar as fotografias realizadas pelos próprios estudantes escolares e, ao abrir a caixa, ler depoimentos escritos por aqueles jovens.

Figura 4 – A pedagogia performática





Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2018)

Na *vernissage*, o componente curricular Arte-Educação interveio corporal e sensivelmente a partir da partilha do fragmento de um processo de corpo e criação. Organizaram um ato performático e político sobre a resistência que reforça, mais uma vez, o pertencimento e o protagonismo desses jovens que já compreendem os processos educativos como uma prática para além da reprodução de saberes de uma sociedade que pode ser avaliada e revista.

Após apresentar esse brevíssimo cenário viso-reflexivo dos resultados de pesquisa, destacamos três registros escritos de estudantes acerca dessa experimentação estética em suas formações:

A princípio achei a ideia de realizar (...) [o trabalho estético] algo muito novo e desconhecido. Nunca havia ouvido sobre o assunto e fiquei meio perdida. Com o decorrer das aulas e as orientações realizadas (...), passei a entender melhor a proposta. (...). No decorrer da confecção muitas inquietações vieram na cabeça, muitas ideias que não conseguia passar para o plano mais concreto. Vieram as aulas, os conteúdos passados em sala, as minhas vivências com a educação, meu processo de aprendizagem, meu modo de enxergar a educação e o ensino, enfim ocorreu tipo um “*flashback*”, até que consegui fazer uma proposta legal (CAIXA SURPRESA), que fizesse com que o outro refletisse o tema proposto (Estudante 1).

O diário de bordo foi uma experiência bastante positiva na minha vida acadêmica pois foi um desafio à minha postura analítica (Estudante 2).

Eu achei uma ideia super interessante, atípica (...). Nos fez repensar a didática e a educação de forma mais ampla e subjetiva, nos permitindo ressignificar palavras em arte (Estudante 3).

Damos destaque a algumas características inerentes aos processos criativos e estéticos que diferenciam sua forma de construção de conhecimento (OSTROWER,1978; DEWEY, 2010): o estranhamento em relação ao objeto, no caso estranhamento em relação à própria forma de apreensão do conhecimento, de sua sistematização e expressão; desconforto e angústia no desenrolar do processo em função do inusitado; *flashback*, nos termos do estudante 1, ou recapitulação ampla e gestáltica do repertório pessoal para encadear um produto criativo; por fim, a epifania promovida pelo cumprimento de uma prática criativa. Observamos que a proposta de uma didática ativa e sensível promoveu um alcance diferenciado de cognição.

#### 4 CONCLUSÃO

Como apontam os trabalhos e depoimentos de estudantes, os resultados reafirmam a urgência da formação sensível de professores que fortaleça novas formas de construção de saberes. A diversidade de formatos e de significação dos trabalhos manifestou-se nas inúmeras formas criadas pelos estudantes e nas partilhas das experiências de aprender.

A Exposição rompeu a lógica das quatro paredes da sala de aula e favoreceu trocas dialógicas entre docentes, discentes e público visitante, problematizando o modelo racionalista da academia, denunciado em diversos trabalhos, e permitiu outras formas de vínculo com o espaço, o corpo e a aprendizagem.

Ao analisarmos os diversos depoimentos e registros dos alunos afirma-se a tendência majoritária de reconhecerem a experiência como geradora de um saber-fazer sensível importante à docência para ser considerada “de forma mais ampla e subjetiva” como colocou o estudante 3.

Assim, resta considerar a necessidade de maior investimento na formação sensível de educadores para provocar as suas re-existências e ressignificações em tempos de incerteza, indefinição e de constantes riscos e desafios. Isso foi reafirmado, para nós, nas repostas que obtivemos de nossos estudantes nesse tempo pandêmico, em retorno ao questionário que enviamos. Para encerrar esse texto, deixamos duas das repostas enviadas:

[a pandemia] apenas reforçou meu posicionamento a favor de uma educação mais humanizada e o necessário olhar docente para além de perspectivas conteudistas.

Sim [em relação à pergunta de se “a pandemia modificou o posicionamento em relação à eventual necessidade de professores terem formação sensível e estética no campo da didática”] Os professores podem ser mais sensíveis na didática, com um ensino e uma avaliação mais voltada para a diversidade da turma, através da experiência estética.

**Palavras-chave:** Educação Estética, Formação do Professor, Didática Sensível, Cotidiano, Partilha

## REFERÊNCIAS

CANDAU, VERA. **Educação intercultural e práticas pedagógicas**. Documento de trabalho. Rio de Janeiro: GECEC / PUC-RJ, 2014

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard (org). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. DF, Brasília: Liber Livro, 2004.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, CLIFFORD. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOPES, Alice Casemiro & MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez: 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental org., 2005.

READINGS, BILL. **Universidade sem Cultura?** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002  
DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados [Uberlândia, MG, Universidade de Uberlândia], 1981.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001